

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## CONFIRMAÇÃO ALCORÂNICA DUMA TRADIÇÃO CARMELITA.

VELOSO, Francisco José

Ano: 1964 | Número: 74

---

### Como citar este documento:

VELOSO, Francisco José, Confirmação alcorânica duma tradição carmelita. *Revista de Guimarães*, 74 (3-4) Jul.-Dez. 1964, p. 323-328.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Confirmação alcorânica duma tradição carmelita

Pelo DR. FRANCISCO JOSÉ VELOZO

---

Como é sabido, a Ordem do Carmo, a que pertenceu o nosso Beato Nuno Álvares Pereira, entronca na vida eremítica instituída no Monte Carmelo pelo Profeta Elias, que aí se retirara em penitência e oração. Deram as Cruzadas ocasião ao contacto com os anacoretas do Carmelo, e à posterior transplantação para a Europa da vergôntea religiosa de tão remota ascendência, que São Bertoldo, «monge encanecido pelos anos e revestido da sacerdotal dignidade», renovara, quando ali chegou «em 1155, construiu uma capelinha, e reuniu dez irmãos», como informa o monge grego Focas (1).

Ora escreve um autor carmelita, o holandês Tito Brandsma, professor universitário e mártir do campo de concentração de Dachau em 1942:

«Especial atenção deve merecer a visão de Elias no Monte Carmelo.

Esta visão é o fundamento do carácter mariano da espiritualidade carmelita.

Foi no cimo do Carmelo que o Profeta, depois de orar sete vezes, viu uma pequena nuvem — portadora da chuva que iria livrar a terra ressequida.

Não é necessário dar uma explicação autêntica desta visão. Bastará dizer que muitos comentadores das Sagradas Escrituras viram nesta nuvem um protótipo da

---

(1) Titus Brandsma, *The Beauty of Carmel*, Dublin, 1955, págs. 37.

Santíssima Virgem, que trouxe no seu ventre o Redentor do mundo» (1).

Efectivamente, na Bíblia, no Antigo Testamento (livro I (III) dos Reis, c. XVIII, v. 41-42), lê-se:

«Elias disse a Acab:

— Sobe, come e bebe, porque eu ouço o ruído da chuva.

Acab subiu, para comer e beber.

Elias, por seu turno, subiu ao cimo do Carmelo, e, curvando-se para a terra, pôs a face entre os joelhos» (2).

Em comentário, o sábio Louis Pirot ensina que, «segundo a interpretação de Josefo (*Ant.*, VIII, XIII, 6), o Profeta assentou-se na terra, esperando, profundamente, recolhido, o acontecimento que anunciara (*D. B.*, III, 188). Mas, como Eliseu inclinado sobre a criança (*yigbhar*, IV Reg., 34-35), Elias curvou-se até ao chão, com a cabeça entre os joelhos: eis a atitude da oração mais humilde, recolhida, ardente e perseverante, e ao mesmo tempo, segundo o contexto, mais confiante. Assim, o Senhor quer que nós mereçamos, pelo ardor e perseverança na prece, as graças de eleição que Ele mais desejo tem de nos conceder» (3).

Mas Elias, no cimo do Carmelo, havendo-se prostrado em oração deste modo, prosseguiu com fé inabalável no que Deus lhe inspirara. Continua o texto bíblico (*loc. cit.*, 43-45):

«Depois disse ao seu servidor:

— Sobe, peço-te; olha para o lado do mar.

Ele subiu, olhou, e disse:

— Não há nada.

Elias disse:

— Repete-o sete vezes.

E ele disse à sétima vez:

(1) *Op. cit.*, págs. 32.

(2) Segundo L. Pirot—A. Clamer, *La Sainte Bible*, trad. do original hebraico, tomo III, Paris, 1949, págs. 677.

(3) *Ibid.*, nota 6-1.

— Eis ali, uma nuvenzinha, como palma da mão de homem, que sobe do mar.

E Elias disse:

— Sobe a dizer a Acab: «Aparelha, e desce, para que te não surpreenda a chuva».

E, dali a instantes, o céu obscureceu-se de nuvens, e caiu uma chuva forte» (1).

É sem dúvida soberba a descrição, a desafiar-nos o ânimo para lhe analisarmos a graça e beleza de sua austera simplicidade. Mas o nosso intento é outro. Vamos ao sentido da passagem. O sábio comentador atrás citado explica:

«Depois de ter sete vezes perscrutado o horizonte, o servidor enxergou uma nuvem breve, comparável, em sua pequenez, à palma da mão (...). A nuvem pequena cresceu rapidamente: impelida por um vento violento, cobriu o céu, e derramou a chuva, que foi então fecundar e renovar a terra.

A tradição carmelita compraz-se em ver na nuvem de Elias uma figura da Santíssima Virgem. Figura expressiva, com efeito. Privilégio da bondade divina, pequena pela sua humildade, mas desde o primeiro instante elevada acima da terra; desde a sua Imaculada Conceição exceptuada do amargor e impureza das fontes humanas de que provém, e, pelo contrário, toda cheia de suavidade e pureza sob o potente esplendor do Sol de justiça; engrandecendo hora a hora pelo acréscimo de santidade que lhe vale a sua fiel correspondência a todos os apelos divinos, Maria dá-nos o Salvador, e com Ele e por Ele o celeste orvalho e a «chuva de justiça» que farão da alma, antes estéril e maldita, um paraíso.

Os Padres [da Igreja] não assinalaram entretanto estas analogias senão de passagem; assim, São Tarásio:

*«Ave, levis nubes, quae caelestem pluviam inspergis!»*

Elas são, no entanto, belas, e impressionam. Não sem fundamento, mostra a «visão de Elias», na basílica do Monte Carmelo, o Profeta em admiração ante a Vir-

---

(1) *Ibidem.*

gem Imaculada, que ascende do mar no seio de uma nuvem» (1)

São Tarásio foi patriarca de Constantinopla, e faleceu em 806. Consequentemente, a aplicação a Nossa Senhora daquela formosa invocação, corrobora o fundamento da tradição carmelita, em época remota:

«Ave, ó nuvem breve, que derramas a chuva celeste!»

Tal aproximação do símbolo da nuvem e da «Mãe dos homens, Mãe de Deus», como diz o belo cântico português, é anterior ao estabelecimento de S. Bertoldo na Palestina. E na Igreja estas coisas são sempre muito antigas.

Todavia outra confirmação da autenticidade da tradição carmelita, que vê na chuva do Carmelo a imagem da Ressurreição fertilizando o estéril deserto das almas, julgamos achá-la no Alcorão.

O livro sagrado dos muçulmanos, compõe-se, segundo é doutrina islâmica, de textos diversos, mais tarde reunidos. Escreve um autor muçulmano:

«Todos os capítulos do Alcorão foram reduzidos a escrito antes do falecimento do Profeta, e muitos Muslins (2) declararam todo o livro sagrado. Os capítulos escritos foram porém dispersos entre o povo, e, quando numa batalha travada durante o califado de Abu Bakr

(1) *Ibid.*, nota 6-2.

(2) Em português, o termo consagrado pelo uso e vernáculo é «muçulmano». Escreve H. A. R. Gibb, *Mohammedanism—An historical survey*, Nova Iorque, 1955, págs. 11:—«A palavra «Islão» (*Islám*), finalmente adoptada por Mafoma como nome distintivo da fé que pregava, significa «submeter-se (alguém ou alguma pessoa a Deus)». O aderente do Islão designa-se usualmente (em árabe) pelo adjectivo correspondente, *muçlim* (de que *moslem* é adaptação ocidental). Os Persas adoptaram um adjectivo diferente, *muçalmán*, de que derivou o anglo-indiano *Mussulman* e o francês *musulman*.» O *Diccionario de la Lengua Española*, da Real Academia Española, Madride, 1947, págs. 877, deriva a palavra *musulmán* do turco *muçlemán* e este do árabe *muçlim*. Parece mais atinada a derivação de H. A. R. Gibb, mormente se o termo persa for *muçulmán* como se lê em *The Concise Oxford Dictionary of Current English*, Oxford, 1954, págs. 780, verb. *Mussulman*. Segundo António de

— quer dizer: dentro dos dois anos que seguiram à morte do Profeta — um grande número dos que tinham decorado o Alcorão foram mortos. No califado de Othman juntaram-se todas as cópias existentes dos capítulos, e compilou-se uma versão autorizada, baseada na colecção de Abu Bakr e no testemunho desses que tinham decorado o Alcorão, exactamente na forma e ordem presente, que é considerada como tradicional e como arranjo do próprio Profeta.» (1)

Mafoma em (árabe *Muhammad*) nasceu em Meca em 570 da era cristã (2). «Em 632, por fim, Mafoma cumpriu a peregrinação a Meca, segundo o rito que ele mesmo prescrevera: foi a «peregrinação do adeus». Alguns meses depois, acometeu-o uma febre violenta, que o vitimou aos 13 do mês de rabi I (8 de Junho)» (3).

Alicerçados nestes danos históricos, vejamos o testemunho do Alcorão; encontramos-lo na sura (ou capítulo) L, intitulada «*De Cafe*», versículos 7 a 11, que dizem, pela boca do próprio Deus:

«7. Estendemos a Terra, e nela lançamos montanhas e nela produzimos todas as melhores espécies.

---

Morais e Silva, *Dicionário da Língua Portuguesa*, 9.<sup>a</sup> ed., Lisboa, s/d., págs. 390, encontram-se os termos *mussulaman* e *musulmano* (e *musulmão*) em P. Manoel Godinho, *Relação do Novo Caminho*, edição de 1965. Não indica páginas. José Pedro Machado, no seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, s/d., vb. *Islã, islame e islão*, págs. 1242, ocupa-se eruditamente do assunto, referindo-nos, de autores do século XVI, *moçalmam*, empregado como termo corrente na Índia por Garcia de Orta (*Colóquios*, col. 34.<sup>o</sup>, II, págs. 107 da ed. de 1895); e *massoleyões*, por Fernão Mendes Pinto (*Peregrinação*, cap. 43, vol. II, págs. 46, ed. de 1945). Citando Lockotsch (n.<sup>o</sup> 1516 a), radica a palavra, em última análise, no persa *muçlimán*, derivado do árabe *muçlin*. Mas, muito judiciosamente, declara: «Penso porém que o português não recebeu o vocábulo directamente, mas pelo francês ou, talvez antes, pelo italiano, onde já se abona em 1619»; com efeito Pietro Della Vale, *Viaggi*, I, págs. 407, emprega a palavra *Mossulmani*. Pela data, pode ter influenciado o nosso Godinho.

(1) Introdução à obra *Muhamad*, *Alcorão*, versão portuguesa de Bento de Castro (do texto inglês de Muhammad Marmaduke Pickthall), Lourenço Marques, 1964, págs. 29-30.

(2) Alfred Guillaume, *Islam*, Harmondsworth, Middlesex, 1954, págs. 23.

(3) Dominique Sourdel, *L'Islam*, Paris, 1949, págs. 16.

8. Tudo isto serve de reflexão e de aviso aos servos (de Deus) que desejem voltar para Nós.

9. *Fizemos descer do céu a água abençoada*, e com ela fizemos germinar as plantas nos hortos e os grãos que se colhem.

10. E as altas palmeiras de copas carregadas de frutos.

11. Que servem de alimento aos homens. *Com a água do céu demos à terra morta. Assim se operará a Ressurreição.*»<sup>(1)</sup>

Não é preciso demorar-nos em grandes considerações, para encontrarmos aqui um vestígio, que se nos afigura evidente, da tradição mística tão amorosamente cultivada pela Ordem do Carmo até aos nossos dias.

O Alcorão corrobora-a pois historicamente.

O estudo das afinidades entre as religiões, tão sublimado nos dois últimos pontificados romanos, não pode deixar de ser motivo de interesse numa Nação como a nossa, onde, nas províncias da Guiné e de Moçambique, como no agora escravizado Estado Português da Índia sucedia, vivem lado a lado católicos e muçulmanos, em perfeita harmonia, como bons portugueses, confortados uns e outros pelo credo respectivo. Ao tratar dessas afinidades, porém, façamo-lo com respeito e cuidado, para não ferir na sua fé quem sinceramente eleva os olhos, não a qualquer divindade pagã, mas Àquele só que merece o nome de Deus, nas grandes religiões da humanidade, que são o Judaísmo, o Cristianismo (Catolicismo) e o Islamismo: o Deus único, «O (que é) Deus» — *al-Láh* — verdadeiramente. <sup>(1)</sup>

---

<sup>(1)</sup> Da tradução, infelizmente ainda inédita, pelo Dr. José Pedro Machado, — a quem aqui exprimo os meus agradecimentos, por gentilmente ma haver facultado, — do Alcorão (directamente do árabe). Esta tradução chegou a ser anunciada por uma editora, mas não foi publicada, com grande dano dos estudos islâmicos nos países de língua portuguesa.

<sup>(2)</sup> Cfr. Tor Andrac, *Les origines de l'Is'lam et le Christianism* (trad. fr.), Paris, 1955, e a colectânea de estudos, editada pela Universidade de Estrasburgo, *L'élaboration de l'Is'lam*, Paris, 1961, entre outros.